

Poetry Series

Bernardo Almeida

- poems -

Publication Date:
2012

Publisher:
Poemhunter.com - The World's Poetry Archive

Bernardo Almeida()

Bernardo Almeida nasceu em Salvador (BA) , no ano de 1981. Passou a infância em Recife, mudando-se para São Paulo na década de 1990. Em 2001, retornou à cidade natal, onde vive até o momento. É poeta, fotógrafo digital [desenvolve imagens artísticas sob o conceito da hibridez], escritor de contos, roteiros e tiras, compositor e livre pensador. Mantém o site , no qual expõe poesias, reflexões e imagens híbridas. Tem poesias traduzidas e publicadas na França e Croácia.

Amigos Do Entorno

Alguns dos meus amigos venderam
Palmas ao diabo, e tocavam-lhe a face
Alternando carinho e desprezo
Vertendo lágrimas de cor anil

O sangue, invariavelmente seco
Uma vez ao ano, no inverno
Poder-se-ia purificar de novo

No entanto, o agouro frouxo
Do martírio das almas penadas e penosas
Destoava aos borbotões do plano turvo dos crentes
Carentes de atenção e vitórias, entregavam-se

E o que fazer com todo o mal...
Aqui o vemos em abundância
E não o podemos tocar?

Digam-me com toda a franqueza
Ao descruzar as pernas e retirar o dedo dos céus
Ainda é possível distinguir certo e errado?

Talvez ir-se-ão em anos, quem sabe em segundos
E os meus amigos, tão franzinos na infância
Acendem fogo do chão para mais baixo
Em reverência aos deuses de uma fé inversa e clandestina

Bernardo Almeida

Amor Lumière (Plus Belle)

Alguns filmes de amor
Podem causar-nos mais espanto
Do que qualquer filme de terror
Pois revelam em nós sentimentos
Dos quais nem sabíamos ser possíveis
E podem fazer emergir em nossas vidas
A estranha, macabra e horripilante sensação
De que, talvez, nunca passaremos
Por nada daquilo que é encenado
E que possivelmente morreremos frustrados
Por nunca termos cinematograficamente amado

Bernardo Almeida

Amor Perdido

O amor não fez sentido
Nesse mundo mesquinho e sem graça
Talvez porque seja ele a presa e não o predador
Não vale um latão

O amor está fora de moda
Quase ninguém o veste mais
O amor não é incentivado
E quem ama vive a ser crucificado

Quem ama é taxado de besta, otário
Sofredor, masoquista, palhaço
Muito mais fácil é não envolver-se
Usar maquiagens para disfarçar-se

O amor que falta no mundo
Sobra em mim, sobrecarga
Mas o que isso importa
Se não encontro outros corações para reparti-lo?

O amor está velho, impotente
Está cansado e carente
O amor sente falta dos encontros
Do descompromisso nunca omito e dos sonhos a dois

O amor sente falta do romantismo
O amor sente falta da paixão
O amor sente falta da saudade
O amor sente falta da falta que ele faz

O amor anda sozinho e chuta latas
Freqüenta diariamente os becos escuros e as ruas sem saída
Esconde a sua esperança no bolso
E transita sem chamar atenção

O amor embriaga-se para esquecer a rejeição
O amor não chora para mostrar que ainda é forte
O amor está rouco e evita expressar-se
O amor está louco, a ponto de suicidar-se

Bernardo Almeida

Anônimo

Brincadeiras à parte
Em parto de meia luz
Banheiras secas e chão molhado
Taco e vestido velho
Trapos e lembranças
Lágrimas, manchas de sangue e inocência

Contrações despidas de sentido
Lanterna sem lâmpada e em curto
Circuito de mentiras e despejos
Limites exaustivos e defeitos irreparáveis

Nas sombras da sua crença
O tempo perdeu sua face
Uma máscara e uma criança
Lado a lado com a avareza e o egoísmo

Este e não outro é o mundo
Esta e aquela são as qualidades
Desqualificadas como tal
Impregnadas de miséria
Você, você, mil vezes você

Condicionado e obediente
Marcha soldado, sempre em frente
Brinquedos de uma armadilha maior
Controle, remoto, controle, remorso

Radares, pontes e lanternas
Ao menos uma brilha, pisca e some
Um sinal de vida
Um vestígio de raiva
Suas prioridades e falta de compaixão

Sem evidências de respeito
Some com pesos no peito
Em agonia fala sobre escolhas
Sexo, drogas e gatilho

Pinta um mapa de liberdade
Mal criado pelo ódio
Orientado pela televisão
Um retrato da deformidade

Um sonho informal de excesso de informação
Um projeto fracassado
De um tiro que saiu pela culatra
Um final sem cura, paz ou grandes méritos

De joelhos pelo próprio orgulho
Seu fim, enfim, sem palavras
Sem adeus nem preces
Às pressas fecham-se as cortinas
Desse ato falho final

Bernardo Almeida

Aos 29

Declina e pára
Mas segue a todos nós
Amigos nas ruas
De intentos freqüentes
Delirantes, palpáveis
Insurgentes
Temperamentos frágeis
Negligentes, porém
Hábeis
Atrasados e taciturnos
Temos tantos de outros nós
Esperando para entrar
Em cena - tudo não passa
Sem que a porta bata
Para sempre - mesmo que não exista
Antes, acreditemos
Ora, aqui estamos
E já perdidos nos vemos
Sem eira, nem beira, nem eixo
Fora - não necessariamente excluídos
Mas, fora
Por ser a exceção menos especial
Que flui inevitavelmente
Independente
Através de...
Muito antes de qualquer coisa espelhar
Todo o mundo
Sem brilho, irritante
Estagnado e débil
Descrédito no que há
É confiar que algo novo nos espera
E surgirá
Porquanto não pudermos mais,
Em indiferença,
Nos suportar
- Brindemos!

Bernardo Almeida

Au Revoir!

A saudade soletra o seu nome em meu ouvido
Lembrando-me de palavras que preferiria ter esquecido
Mas sou exageradamente atrevido, fraco, louco e franco para suportar a sua falta
E renuncio à vontade no intento de prender ao meu corpo
Um pedaço do seu vale, repleto de minérios incandescentes e preciosos
Excerto supremo de experiências carnalmente desejáveis e possíveis
Talvez essas doces palavras não passem de um jogo
Tempo perdido, luz apagada, olho mudo ou vida em coma
Uma mentira que seduz e engana pela última vez
Traduzindo este estrangeiro idioma para a língua do meu desespero
Sem reduzi-lo às visões lingüísticas das olheiras e lágrimas
Que enfeitam rostos perfeitos e borram tintas de rosto, máscaras perfídias
Transformando tudo em uma mistura lamacenta de rosas negras
Como um manto que aquece e entristece os sorrisos mais esperançosos
Não! Esqueça-me na mesma proporção em que me destruo
Porque apesar de saber que o amanhã é um olhar perdido
Vejo seu nome riscado em minha pele com tinta e desgosto
Fazendo sangrar o desgaste, o distúrbio, a derrota e a decepção
Sem render-me, contemplo o amargo do seu amor
E inicio a minha despedida repentina
Sinalizada com uma breve e ansiosa contagem regressiva

Bernardo Almeida

Augusta

A avenida é paulista
Mas os pedestres
São de todos os lugares
Cruzam-se, debatem-se e ignoram-se
Em buzinas de sirenes de ambulâncias de polícias
E, do alto, a dupla hélice metálica
Dos helicópteros alternam-se e assistem
Ao drama do cotidiano
Cada vida é uma remessa de jornal encalhado
Um relógio adiantado
Em um braço sempre atrasado
Nas esquinas urbanas, afeto é silêncio
E respeito é indiferença
No escritório, a ansiedade
Espera pelo happy hour do dia
"Talvez amanhã, quem sabe..."
Oitenta leões e uma força
O dinheiro é o marca-passo
E a apatia é conivente com a bravura
No espaço em que a convivência
É um ato de loucura
Há arte no teto
Um painel em tons de cinza
Anuncia qualquer coisa indefinida
Uma chuva ácida de melancolia cosmopolita
Mas não sobra tempo para detalhes
E cada um é só, mais uma triste interrogação
Que tenta ganhar a vida
Em um dia de um segundo
Numa extraordinária correria comum
Enquanto os monumentos observam estáticos
A genérica beleza da arquitetura humana
Projetada e talhada em concreto e carne
Marcando no mapa as luzes esfumaçadas
De uma ilha de calor carcinogênico
No espetáculo diário dos artistas dos semáforos
E na esmola dada por compensação
O progresso que conheces não tem nome
Malmente aprendeu a ler

Mas é pós-doutor em cálculos de estatística
E cedo ou tarde
Inevitavelmente irá subtrair você

Bernardo Almeida

Bilheteria

Ao deixar-me, ainda em chamas
A tua presença não me abandona
E as palavras que proferes, agora saem de mim
Derivam todas da mesma harmoniosa fonte

Perdura em meu corpo a tua saliva
Restos de ti a completar-me
Como as migalhas da minha carne
Que levas em tuas longilíneas unhas

O deleite ainda umedece os lençóis
Emaranhados no palco armado sobre quatro estacas
Em que o teu amor contracenou com o meu
Diante de uma platéia invisível, que calorosamente aplaudia
Enquanto nossos músculos, pulmões e gargantas
Exaustos, agradeciam

Bernardo Almeida

Canção Para Ninar Crocodilo

O meu pranto
Agulha
Foi teu manto
Ou guia

Lua fora da lei
E da linha - o fim

É fim da linha

O meu pranto
Desértico
É rua e rosna atravessado
Como uma puta
Astuta
Irmã da escuridão
Em morte pré-matura

Dura, mas sofre um bocado

O meu pranto
É vala
E estoura
A boca torta
Do silêncio mudo que cala
Covarde

Invade, invade e evade...

O meu pranto
É donativo seu

Avante, tortura!
Luva, caindo como
Uma pena
Sobre a minha surdez

Caridoso destempero
Em podre ternura

É donativo seu
Também a candura

Avante, tortura!
Pior tontura
É a loucura de amanhecer
Pendurado em seu
Guarda-sol

Bernardo Almeida

Carne, Osso E Memórias

Diluiu em pecados
O que um dia foi santo
Sacrificado o eterno em prol do agora
Mundano e estreito
Externo e profano
Corpo exposto
Alma fraca
Lágrimas e silêncios
Novos prantos
Gritos de sinceridade
Uma história mal contada
Difícil de decifrar
Um passado de fugas
Um presente omissos
Você não se reconhece
Nem que apodreça em frente ao espelho
Admire suas falhas
Bem de perto, profundamente
Você ainda consegue se questionar sem se sentir vazio?
Anos luz separam você de você mesmo
E não há nada além disso
Carne, osso e memórias

Bernardo Almeida

Clandestino (Viajante)

Sou o pó da raiz triturada pela sede,
Saturada pelo sol e nutrida pelo esterco
Falo grave neste chão árido e severo
Ao qual lanço o meu olhar
Descansado sob o mel que derrama
Sobre as cercas de calor desumano
Tão irônico, lacônico e desgastado
Quanto as fardas de uma tortura condecorada
Guardo então as medalhas que recebi da Terra e do mérito
Fruto cadente da árvore do orgulho alheio
E sinto o caule do sucesso, sempre ascendente
Encontrar o recesso no topo carente da alma do lutador
Escondido na transitoriedade da sensibilidade de um trovador
Que se aventura na estrada das emoções
Plantando saudade no seio da colheita repartida
Enjaulada na seleção inusitada do cantil da liberdade

Bernardo Almeida

Condenação Sócio-Laboral

Hoje eu acordei como um pedreiro
E trabalhei como um pedreiro
E cansei como um pedreiro
E almocei como um pedreiro

Hoje eu acordei como um pedreiro
E falei como um pedreiro
E cantei como um pedreiro
E vesti-me como um pedreiro

Hoje eu acordei como um pedreiro
E amei como um pedreiro
E andei nos mesmos veículos que transportam um pedreiro
E suei como um pedreiro

Hoje eu acordei como um pedreiro
E fui visto como um pedreiro
E fui ignorado como um pedreiro
E fui contratado como um pedreiro

Hoje eu acordei como um pedreiro
E morei como um pedreiro
E gastei como um pedreiro
E o meu nome passou a ser 'ah, é o pedreiro! '

Bernardo Almeida

Contatos Noturnos

Passei as últimas três noites
Vagando em ambientes estranhos
E conversando com pessoas impossíveis
As quais sei que jamais reencontrá-las-ei
Não durmo, não como, não bebo
Apenas respiro o trago fatal da madrugada
No sono, está a vulnerabilidade de qualquer mortal
A minha mente continua desperta, em alerta constante
Enquanto a cidade ronca em um coro mal sincronizado
Seja de descanso, preguiça, convenção ou hábito
Procuro por alguém, mas só encontro a mim mesmo
Então, troco de lugar com a minha sombra e sigo-a
Sirvo de companhia para o meu eu degenerado
Deslizamos com passos soturnos por sonhos inadequados
Às vezes, ganhamos asas depenadas e olhos de águia
A noite guia àqueles de percepção apurada
Os pensamentos mais extensos e complicados
Tornam-se ínfimos e óbvios, rapidamente decodificáveis
E, rodeado pelo manto gélido da escuridão,
Decido que, o silêncio da tumba que acolhe o dia,
Será a minha eterna e estimada morada

Bernardo Almeida

De Braços Dados

A vida não é o contrário da morte
Mas sim o seu meio
A morte não é o contrário da vida
Mas sim o seu cume
(Bernardo Almeida)

Injeto agora em minhas veias
Finas de esperanças e tristezas tenras
Um líquido que me fará perecer tão brevemente
Quanto os aplausos de um espetáculo medíocre

Tal substância, chamo-a de vida
Que livra a matéria da calamidade opressora da eternidade
Conferindo-me um ponto final ao bem e ao mal, ao sim e ao não
Encerrando o princípio da morte enquanto fim
E da vida enquanto meio
Desafiando certezas e constatações

Pois injeto meio litro para que não haja erro
Preciso certificar-me que tal excesso será letal
E concluir que as experiências de vida e morte
São ambigualmente similares
Posto que são riscos inevitavelmente fatais

Bernardo Almeida

Deuses E Demônios

A mentira faz dos homens homo sapiens
Os demônios são todos assim
Tenho conversado com dezenas deles
Porém, os deuses aspiram a perfeição

Ambos falham e mentem em formas
E em conjecturas arrogantemente expostas
Mas subdividem-se em bem e mal
Sois o que podeis captar da natureza

Exércitos são formados em nome do ódio
Mas no amor de um Cristo qualquer, velho e ultrapassado
Encontram a sua justificativa para matar e oprimir
São todos servos de uma estupidez esquálida
De um sinal que não deveria ser dado
E de divindades mortas, mas logo ressuscitadas
Nos túmulos do fanatismo catártico das religiões

Bernardo Almeida

Deveras, Homem!

Ah, como difícil é ser um homem
Em um mundo tão machista e feminista
Ah, como é difícil sorrir sem ser julgado
Como é difícil chorar sem ser censurado
Ah, como difícil é ser um homem
Em um mundo tão feminino e masculino
Onde os contrários se igualam
E as verdades se anulam
Ah, como é difícil
E você nem sabe do meu esforço
Você nem quer saber
Como é difícil sobreviver entre seus preconceitos de homem
Como é difícil não padecer aos seus padrões tão femininos
Como difícil é ser um macho
Daqueles com M maiúsculo
Que chora, ama e pede colo

Bernardo Almeida

Devoção

Se com mil toques pudesse agraciar a sua beleza
Se com mil palavras pudesse definir suas curvas
Se com mil passos pudesse percorrer entre seus mistérios
Se entre mil pessoas o seu olhar fosse somente meu
Se com mil orgasmos pudesse presenteá-la
Se de mil paixões pudesse abastar seu peito
Se mil amores eu pudesse renunciar
Se com mil sons, pudesse cantar sua carne
Se ao meu amor terno estivesse tu entregue
Beberia mil jarras do seu sorriso
Se em mil versos pudesse ler a sua alma
Se em mil encarnações pudesse entregar-lhe a minha
Se com mil destinos tivesse escolha
Minha rota seria seu caminho
Se em mil sonhos, apenas você
Se em mil sensações, suas mãos
Se em mil delírios, seus lábios
Se em mil crenças, devoção a você
Se em mil desejos, suas fantasias a realizar
Se em mil perfumes, seu aroma
Se em mil tentações, a sua presença
Que inebria e irradia vida
Que ilumina e salva
Desperta e liberta
Amém, amém!

Bernardo Almeida

Geração Exonerada

Na distinção entre um sorriso e uma lágrima
Pende para o absurdo desejo da catástrofe
Uma pavorosa mania não mais possível
De ser expressa por meio de gestos calculados
Os movimentos, sequencialmente imperceptíveis,
Protegem o esquecimento que tomará conta da sua alma
Descarnada, desnuda, etérea, imaterial
Dilacerada e agredida como cada milímetro da sua ossada
Escondes este peso em um jazigo distante
Onde apenas olhares mortos te alcançam
Colabora com a terra que fornece a colheita
Da qual tanto te beneficiaste em vida
Colha agora a raiz, e deixa o fruto para os que restam
Contentas-te com a jaula em que te encerras
Sem praguejar contra o fardo que te aflige
O teu rastro, em breve, será apagado
Para que as novas gerações sejam mais belas e ternas
Menos hipócrita, sujismunda, atávica e apática
Como as guardas, os punhos, os corações e as lanças
Dessa tacanha representação da realidade humana

Bernardo Almeida

Incógnita

O que tenta dizer-me esse olhar
Profundamente misterioso
Que se esconde por detrás
Dessa placa de gelo e vidro

Talvez diga que me ama
Mas poderia também zombar
Dos meus elogios óbvios
Da minha solicitude exagerada

Quero dar o que te falta
Mas, afinal, o que te falta?
Seus olhos saltam de espanto
Escondem respostas e choram

Quem dera tivesse eu desenvolvido
Os dons espirituais da mediunidade
Atravessaria seus pensamentos
E, em meio ao veneno, encontraria o antídoto

Mas tudo o que me cabe
É sentar ao seu lado
E partilhar o silêncio cúmplice
Da incógnita dos seus sentimentos

Bernardo Almeida

Institucionalizado

Vitimado, constrangido, monitorado
Humilhado, oprimido, controlado
Vigiado, atacado, manipulado
Seduzido, induzido, conduzido
Enganado, traído, castrado
Encarcerado, silenciado, evitado
Doente, rejeitado, humilhado
Discriminado, violentado, trapaceado
Abocanhado, acorrentado, apanhado
Sufocado, apaziguado, maltratado
Rotulado, legislado, cadastrado
Corroído, descaracterizado, padronizado
Registrado, aprisionado, formulado
Inanimado, abatido, indolente
Indiferente, esquecido, carente
Apático, acomodado, conformado, inconsciente

Bernardo Almeida

Mesa Farta

À mesa, refeições e olhares
Cada um com o seu
E cada seu com o meu
Não havia privacidade
Estalavam garfos e facas
Permutavam sensações e agonias
Um deles engasgou com um pedaço de verdade
Contra a sua vontade, desceu
Estava só na simulação
Outro, pediu desculpas
Alguém levantou sem se fartar
Quem estava à cabeceira fez o mesmo
Aos poucos, a mesa estava vazia
Apenas eu e o banquete
As sobras como prêmio
Por ter resistido até o fim

Bernardo Almeida

Morfina

Uma caneta é um peito morto
Mas, nas mãos de um poeta,
Sangra mais sentimento
Que mil corações humanos

Bernardo Almeida

Morphine

A pen is a dead chest
But in the hands of a poet
Bleed more feelings
Than a thousand human hearts

Bernardo Almeida

Múltipla (Transcendental)

Ascende em mim o incontrolável desejo
De profanar a tua incólume beleza
E apresentar-te as taras que me convém
Apedrejando os censores da tua libido

Busco em ti a força que divide céus, mares e terra
Que resplandece diante da avidez da carne
Sem a clausura tão comum dos corações castos
Miseráveis na vida e na morte, na abundância e na escassez

Molha, como uma cascata, aquilo que pulsa dentro de ti
E fecha os olhos, sem dormir, de todos os pudores
Faz brotar em ti uma nova alma que recolhe tristezas
E as lança fora, para longe, sem emitir ruídos de saudade

Esqueça o mundo incolor e insípido em que vivias
Posto que dorme enterrado no solo úmido do prazer
Enxugando as lágrimas que inocentemente derramavas
Por desconhecer a magia energicamente reparadora de um orgasmo

Bernardo Almeida

Nem Um, Nem Outro

Escondendo-me abaixo do inferno
E acima do paraíso
Para que não me incomodem
Nem bons, nem maus
Nem deuses, nem diabos, nem homens

Cansei de jogos e quero equilibrar-me
Apaziguar os pensamentos que se libertam
Das foices entortadas pela gênese

Só existe condenação para quem nela crê
E o purgatório não comporta tantas almas mornas
Em nenhum biombo me encaixo, permaneço caótico
Uma métrica desconhecida, além de comportamentos óbvios

Mas qual o míssil que me interceptará?
Qual radar me captará?
Se não estou entre a escala do bem e do mal
E desperdiço as explicações oferecidas
Contundidas pelo que é certo ou errado

Prefiro continuar deitado acima do paraíso
Ou de pé abaixo do inferno
Substituindo qualquer moral pelos meus desejos

Bernardo Almeida

O Brinde Da Moeda Humana

Se teu corpo estremecer, bem-vinda seja à minha morte
A fossa fúnebre dos que te repelem, no canal,
Faz companhia àqueles que fingiram te amar
Sentados quando precisaste, e, de pé, para agraciar a tua desgraça
Ninguém torceu por ti porque na vida todos são homens
Arrogantemente frágeis, um espectro evolucionário distante
Da terra, a miséria emana suas divergências e desigualdades
Com mais ferramentas que membros e pensamentos
Intolerantes e contundentes, um cacho de débeis articulações
Sem representar escândalo ou surpresa senão para a mediocridade
Um resto de perversão, uma salvação maldita
Características que não convêm à nossa hipócrita natureza
A civilidade como dogma, a realidade como parâmetro
Conferindo qualquer fé no que diz elevar-se diante de nós
Ou zelo pelo que fede de tão podre que se encontra
Estático, moribundo, anestesiado, apático e decadente
Encaremos todos o frio que há no verão das certezas
Para que jamais sejamos enganados pelas promessas de correção
Somos impuros, imperfeitos e ambíguos - talvez por distração
Compreendidos pelos detalhes das falhas que cometemos
Apresentados pelas mentiras que contamos
E preservados pelas falsidades que mantemos

Bernardo Almeida

O Segundo Toque

Os dentes da moça ansiosamente rangiam
Como as desarrumadas camas que abrigam lúbricos amantes
E acobertam as paixões recônditas dos indecisos furacões
Que sussurram em tons pastéis e revelam sem reverências
A força que não têm diante do amanhecer e da esperança perdida

Mas os mesmos que antes traziam sossegos, promessas e flores
Enfurecidamente jogam agora jarros uns contra os outros
E o descuido das janelas abertas me deixam participar
Do espetáculo que, ao término, não aplaudirei

E as pernas que abriam caminho para que o desejo
Pudesse soletrar livremente o amor a plenos pulmões
Agora chutam as portas da desistência e da solidão
Sem deixar espaço para um cartão de reconciliação

Bernardo Almeida

Pagão

Livro-me dos meus pecados cometendo outros
Novos, picantes e furtivamente lascivos
Sinceros, profundos e deliciosamente proibidos

Livro-me dos meus pecados falando de amor
Sendo condenado pelos olhares que nada me dizem
A não ser que são infelizes e por isso julgam demais

Livro-me dos meus pecados profanando a dureza da razão
Contestando-a diante de sentimentos que desestruturam
Qualquer lei ou idéia aceita como verdade universal

Livro-me dos meus pecados sem fazer esforços
E tomo como minhas as palavras do poeta que afirmava
Não conhecer pecados, apenas prazeres

Bernardo Almeida

Palavra

Uma palavra pode ser proferida
E esquecida com o tempo
Outra pode ser aquecida e sentida
Além da eternidade
Uma palavra pode ser mantida
Pode ser vencida
Pode ser transformada
Pode ser omitida
Pode ser deturpada
Pode ser lembrada
Uma palavra
Afasta o homem da ignorância
Aponta a saída do labirinto
Fantasiosa ou realista
Carrega vida em seu sentido
Uma palavra
Quando lançada
Não tem rumo
Não tem caminho certo
Trilha ao impulso do vento
E na velocidade do pensamento
Segue firme, vaga e veloz
Como uma flecha
Pode destronar uma certeza
E como uma chama
Pode transformar corações em brasa
Uma palavra
Simples e inútil
Pode mudar o mundo
Pode ultrapassar uma crença
Pode desatar nós e preconceitos
Pode vencer uma guerra
Aquelela mesma palavra
Esquecida em meio a tantas outras
Na página amarelada de um livro qualquer
Pode ser a salvação
Ou a perdição
Na vida de alguém
Uma simples e imperfeita

Palavra

Bernardo Almeida

Para Alguém Que Se Foi Com A Mesma Idade Que Eu...

Ir tão cedo
E ainda logo
Ressurgir
Na lembrança agri-doce
De quem ficou
Ao chão
Lágrimas
Tantas foram
Mas nenhuma pôde apagar a chama
Na cremação
Pó é poeira - e se dispersa
Para além da sua juventude
Agora eterna
Espalhada pelos quatro cantos
É brasa e queima entre dois mundos
Passaste
É tarde demais
E não deu tempo
Para quase nada...

Bernardo Almeida

Voto Nulo

No campo de batalha
As mentiras possuem verdades de ferro
E as camisas de força estão atadas aos libertários
Helicópteros que sobrevoam em intensidade
As condições e incisões desiguais
Da cidade que suga o capitalismo com um consumo
Que foge ao seu próprio plano estratégico
E o sucesso, e o fracasso, e a mordança
É a proposição mais fértil da coragem rebelde
Daqueles que resistem por toda a cidade
Mas não confiam plenamente nas promessas
De liberdade de expressão disseminadas
Por uma armada democrática pós-ditadura
E o Estado consegue exhibir intenções de paz e liberdade
Por trás de contas em paraísos fiscais de agressões
Subornos, extorsões, truculências e censuras
E o país emite promessas - que jamais farão cessar a fome
Mas que renderão votos dos famintos
Nas eleições dos crápulas e verdugos (imóveis - pierrôs que constroem em
carnaval de música monossilábica) malditos
Na assunção dos cafetões que prostituem
O trabalho do trabalho brasileiro

Bernardo Almeida